

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ALINE GEANE VIANA DA COSTA

**PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL E AS
DIFERENÇAS ETNICORRACIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR**

**CAJAZEIRAS – PB
2015**

ALINE GEANE VIANA DA COSTA

**PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL E AS
DIFERENÇAS ÉTNICO-RACIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dra. Risomar Alves dos Santos

**CAJAZEIRAS – PB
2015**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva Lourenço- Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

C837p Costa, Aline Geane Viana da
Professoras do ensino fundamental e as diferenças
eticorraciais no contexto escolar. / Aline Geane Viana da
Costa. Cajazeiras, 2015.
49f.
Bibliografia.

Orientador (a): Prof(a). Risomar Alves dos Santos.
Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Preconceito racial. 2. Ensino fundamental I. 3. Diversidade
eticorracial. 4. Sala de aula- diferenças eticorraciais.
I. Santos, Risomar Alves dos. II. Título.

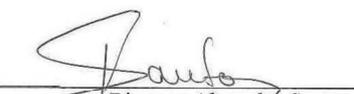
UFCG/CFP/BS CDU –37.043.2

ALINE GEANE VIANA DA COSTA

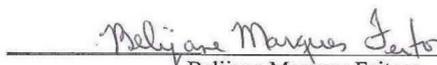
PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL E AS DIFERENÇAS
ETNICORRACIAIS NO CONTEXTO ESCOLAR

Aprovada em 03 de 12 de 2015

BANCA EXAMINADORA



Risomar Alves dos Santos
Orientadora



Belijane Marques Feitosa
Examinadora



Stella Márcia de Moraes Santiago
Examinadora

Edinaura Almeida de Araújo
Suplente

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Geraldo Viana da Silva e Maria Aparecida Viana da Costa e as minhas filhas, Amanda Kaline Costa e Lauany Viana, pessoas com quem pude contar incondicionalmente. Obrigada pela dedicação, carinho e presença constante em minha vida. Dedico ainda aos meus irmãos João de Deus e Maria Itamiran, pelo incentivo, e a todos que contribuíram direto ou indiretamente para o alcance desta vitória.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus pela força que vem me concedendo, a cada dia.

Agradeço a minha querida e amada mãe Maria Aparecida V. da Costa e a meu querido pai, Geraldo V. da Silva, por estarem sempre ao meu lado.

Agradeço a meu irmão João de Deus V. da Costa por sempre me incentivar e nunca deixar que desistisse desse sonho.

Agradeço as minhas filhas Amanda Kaline C. Viana e Lauane V. da Silva por me dar muito carinho amor e alegrias, foi por elas que me mantive sempre firme diante das dificuldades.

Agradeço a minha orientadora Dra Risomar Alves dos Santos pela disposição em me orientar, pela paciência e pelas aprendizagens adquiridas.

Agradeço a todos os professores da Unidade Acadêmica de Educação do CFP-UFCG, por contribuírem diretamente para minha formação profissional e também, pessoal, considerando que alguns foram exemplos de vida a ser seguidor.

Agradeço a todos as minhas colegas de sala pela colaboração, enriquecimento e conhecimentos adquiridos, principalmente aquelas mais próximas, que se tornaram amigas e confidentes.

“Ser negro é ser violentado de forma constante, continua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego do sujeito branco e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro.”

Neusa Santos Souza

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar o trabalho docente em relação a temática diversidade étnicorracial no Ensino Fundamental I e, também, discutir como o estudo das diversidades podem colaborar no desenvolvimento das crianças. Sabe-se que uma educação voltada para o conhecimento da diversidade cultural promoverá melhor desempenho e desenvolvimento da população em geral e da negra especialmente, tendo em vista que o currículo escolar ainda está voltado para uma única cultura, a europeia, sem reconhecer a importância da História e da Cultura africana. A escola é um lugar de diversidades e a educação não pode assumir um modelo que privilegia apenas os brancos e inferioriza os negros. Assim, é importante que os professores estejam preparados para os desafios que assolam a sala de aula no cotidiano, bem como assumam posturas que diante de uma situação preconceituosa faça a diferença, tanto para romper com essas situações, como para fortalecer quem sofreu o preconceito. Esse estudo utilizou a pesquisa bibliográfica e também a descritiva, as quais segundo Oliveira (2008) permitem uma maior identificação do problema. Com relação a teoria, baseamo-nos em autores que tratam da temática como: Silva (1995), Cavaleiro (2007), Mununga (2005), entre outros para melhor compreendermos a temática. Como resultados, percebemos que apesar de algumas professoras mencionarem o tema em suas práticas pedagógicas, muito ainda precisam avançar para que realmente sejam contempladas, no contexto escolar, as diferenças étnicorraciais.

PALAVRAS-CHAVE: Preconceito Racial. Discriminação. Escola. Professor.

ABSTRACT

This study aims to analyze the teaching in relation to the theme: étnicorracial Diversity in Elementary Education I. As also discuss about the study of diversity and how it can assist in the development of children. It is known that an education for the knowledge of cultural diversity will promote better performance and development of the general population and the black especially considering that the school curriculum is still facing a unique culture, European, without recognizing the importance History and African Culture. In this sense, the school is a place of diversity and education can not take an archaic model that favors only the whites and inferior blacks. It is noteworthy that it is important that teachers are prepared for the challenges that plague the classroom, especially in everyday life. So, they take conciliatory stance, given the situation that present themselves daily and that way make a difference, to break through the barrier of prejudice and racial discrimination. Because only then we will have a more democratic and egalitarian school.

KEYWORDS: Racial Prejudice. Discrimination. School. Teacher.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO 1 A QUESTÃO RACIAL NO BRASIL E A DESIGUALDADE NO ÂMBITO ESCOLAR.....	14
CAPITULO 2. A LEI 10.639/2003, E O PROFESSOR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	21
3. CAPITULO CONTRIBUIÇÃO DAS PROFESSORAS REFERENTE À APRENDIZAGEM DOS ALUNOS AFRODESCENDENCIA.....	29
4. CONSIDERAÇÕES	45
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICE.....	48

INTRODUÇÃO

O referido trabalho que tem como tema Professoras do Ensino Fundamental e as Diferenças Étnicorraciais, no Contexto Escolar, diz respeito a uma pesquisa que busca identificar se professoras do Ensino Fundamental I estão capacitadas ou preparadas para lidarem com as diferenças existentes em sala de aula, pois, sem dúvida, a escola, depois da família, é a responsável pelo processo de socialização e formação dos sujeitos.

É, no ambiente escolar que as crianças vão ter contato com outras culturas e a partir deste contato vão perceber as diferenças entre elas. A escola, na maioria das vezes, é o primeiro espaço de vivências preconceituosas. O convívio entre crianças negras e brancas na escola, pode acontecer de forma constrangedora, ou seja, a criança negra pode ser alvo de brincadeiras inadequadas e apelidos pejorativos, ridicularizando-a. Tais atitudes, levam a criança negra a negar sua cor, se sentir inferior e incapaz em relação as demais, podendo até mesmo, abandonar a escola.

Assim, a escola é lugar de acesso a informações e conhecimentos, onde o sujeito desenvolve sua capacidade de se expressar, como também se prepara para o mercado de trabalho. Mas ela também pode ser um ambiente de exclusão, se o professor e a equipe escolar se posicionarem com preconceito e racismo diante dos alunos, poderá acarretar no fracasso escolar destes.

Sabemos que a figura do professor é referencial para o aluno, durante toda a sua vida estudantil. Este é mediador e orientador do conhecimento fornecendo subsídios para que o indivíduo aprenda o necessário sobre sua origem, como também dos demais que formam o seu grupo social. Desse modo, o educador é primordial na formação do aluno e no seu desenvolvimento social e intelectual.

O que levou-me a realizar esta pesquisa foi o interesse em saber como professoras do Ensino Fundamental trabalham as diferenças

étnicorraciais em sala de aula, entendendo o ambiente educacional como lugar de aprendizagens e também de conflitos, o qual, na maioria das vezes, percebe a criança negra como inferior as demais.

No entanto, a intenção de buscar aprofundamento nesse tema surgiu a partir das discussões em sala de aula, na disciplina de Educação, Cultura e Diversidade, em que pude perceber o quanto a sociedade ainda é preconceituosa, mesmo diante dos avanços que vem acontecendo. O objetivo do trabalho foi analisar a atuação docente em relação a temática da diversidade étnicorracial nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Diante do exposto, faço a seguinte indagação: será que as professoras do Ensino Fundamental estão preparados para lidarem com as diferenças étnicorraciais em sala de aula? Essa pesquisa teve como questão orientadora, discutir como o estudo das diferenças pode colaborar no desenvolvimento da criança e na construção de uma educação igualitária.

Dessa forma, é relevante que os profissionais estejam preparados para lidarem com essa questão, pois é preciso entender que a escola é um lugar, importante em que o educador pode desmistificar o preconceito racial, como também possibilitar uma aprendizagem, que combata os diversos tipos de preconceitos, levando o aluno a uma reflexão crítica sobre suas ações.

Assim, buscamos, a partir dessa pesquisa, compreender como o trabalho docente em relação a temática da diversidade étnicorracial no Ensino fundamental I pode colaborar na construção de uma educação emancipatória e igualitária, possibilitando a todos um ensino de qualidade.

Os objetivos da referida pesquisa foram: discutir como o estudo das diferenças podem colaborar no desenvolvimento da criança; refletir a cerca do comportamento dos professores frente as diferenças étnicorraciais presentes no contexto escolar; investigar se a lei 10.639/2003 está sendo implementada nas escolas.

Para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica que nos deu base teórica para subsidiar o estudo, Oliveira, (2008, p.69) destaca, “a

pesquisa bibliográfica possibilita que o pesquisador tenha um contato direto com documentos que abordam o tema estudado, proporcionando assim um aprofundamento teórico da temática desejada”.

Foi realizada também, uma pesquisa descritiva, para obtermos uma investigação mais detalhada Oliveira (2008, p.68), afirma, “A pesquisa descritiva é abrangente, permitindo uma análise do problema de pesquisa em relação aos aspectos sociais, econômicos, políticos, percepções de diferentes grupos, comunidades, entre outros aspectos.”

Assim optamos pela pesquisa descritiva para identificar as causas do preconceito racial na escola, pois, apesar de haver muitas lutas por uma educação igualitária, ainda há uma grande parcela da população que não tem os mesmos direitos, principalmente a população negra, em relação a população branca.

Foram utilizados na pesquisa dois tipos de abordagens, qualitativa e quantitativa, considerando que a pesquisa qualitativa é um estudo mais detalhado do assunto, e a abordagem quantitativa é realizada para a obtenção de informações por meio da coleta de dados. Como afirma Oliveira (2008, p. 58),

[...] cada um desses tipos de abordagem apresenta sua característica específica quanto ao tratamento dos dados coletados, estando a abordagem quantitativa voltada para dados mensuráveis através da utilização de recursos e técnicas estatísticas. Já a abordagem qualitativa se preocupa com uma visão sistêmica do problema ou objeto de estudo.

A coleta dos dados foi realizada através da aplicação de questionários, a cinco professoras de uma escola pública da cidade Luís Gomes-RN. A Escola Dr Geraldo de Melo, (nome fictício), possui 14 professores todos concursados e 350 alunos nos turnos matutino e vespertino. A referida escola está localizada no centro da cidade.

O questionário foi constituído de questões abertas para obter respostas mais detalhadas, como destaca Oliveira (2008, p. 84), “A vantagem das questões abertas está no fato de o informante ter total

liberdade para formular suas respostas.” E os dados, foram analisados, tendo por base a teoria estudada, buscando identificar se os objetivos pré-estabelecidos foram alcançados.

Este estudo serviu para possibilitar, pensamentos e posturas diferentes para mim como educadora, bem como enfrentar situações de discriminação e preconceito no cotidiano escolar, com o intuito de melhorar nossas práticas e promover o respeito as diferentes etnias e a diversidade cultural existente para construir uma educação voltada a todos, sem exceções.

CAPITULO 1 A QUESTÃO RACIAL NO BRASIL E A DESIGUALDADE NO ÂMBITO ESCOLAR

Neste capítulo, será apresentada uma fundamentação teórica a respeito do preconceito existente no Brasil, direcionado para o âmbito escolar e para a formação dos professores, bem como para suas práticas em sala de aula, se estão preparados para lidarem com essas situações.

Os negros muito contribuíram para a formação cultural do nosso país, com sua cultura, seus costumes e hábitos. Mais o que vemos é a História do Brasil, sendo contada sempre privilegiando e valorizando os heróis brancos e a cultura europeia, esquecendo-se dos negros que também possuem seus heróis e que fizeram e fazem parte dessa história, com suas lutas e conquistas, causando assim, exclusão a esse grupo.

Assim, percebemos que o Brasil ainda é um país racista e preconceituoso, em que o negro é julgado e discriminado por sua cor e origem escravista. A história dos negros deve ser estudada, de forma real e não como se apresenta, com uma África que só possui miséria e doenças.

Se ensinada de um ponto de vista positivo, desde cedo a criança negra passa a ser preparada para que possa romper com as barreiras preconceituosas existentes dentro e fora da escola, contra seu grupo racial. De acordo com SILVA (2002, p.55) “a escola brasileira não assume o patrimônio cultural do povo, particularmente, do povo negro. O ensino está organizado para mostrar a história irreal, favorecendo a cultura europeia”.

Muitas vezes, o Brasil se mostra mascarado com a ideologia de que todos são iguais, mais é só analisarmos algumas situações, que logo percebemos ser a população negra, em vários aspectos, colocada em posição inferior em relação as outras. Entre estes aspectos podemos destacar maior taxa de analfabetismo, mortalidade, maior número de

crianças negras no trabalho infantil e também nas ruas. A respeito dessa questão (Ribeiro 1996 apud Cavalleiro 2007, p.27) salienta

Atualmente, os negros representam 44,2% da população brasileira. Este índice torna o Brasil o país não-africano com a maior população negra do mundo e o segundo maior se consideramos todo o globo terrestre, perdendo somente para a Nigéria. No entanto, a maior parte desses indivíduos permanece ocupando a base da pirâmide social, sobrevivendo nas condições mais adversas, com poucas chances de realizar seus projetos de ascensão social, escolarização, moradia, trabalho etc.

A partir desta constatação faz-se necessário que a temática racial venha cada vez mais a ser estimulada, discutida e debatida na escola para que o preconceito seja combatido, no âmbito educacional e social.

O racismo no Brasil é uma temática que deve ser discutida e refletida constantemente, principalmente no âmbito escolar, como também nos demais setores que compõem a sociedade, pois muitas vezes as práticas e atos racistas são camuflados, como se fosse algo normal e que raramente acontece. Mas sabemos que o racismo é consumado em nosso cotidiano, em lugares e situações diferenciadas, acontecendo através de piadas, xingamentos, brincadeiras inadequadas, ou simplesmente por se evitar o contato com a pessoa negra.

É notável que o racismo faz parte da história do Brasil, pois desde muito pequenas as crianças vivem suas primeiras experiências preconceituosas, ao entrar pela primeira vez na escola, quando passam a ter convívio com crianças de diferentes características e culturas, dentre elas as crianças negras, No entanto, estas começam suas trajetórias escolares com experiências negativas. Souza (1983).

Nessa perspectiva, a escola tem um papel primordial em educar, de modo democrático, com conhecimentos e posturas que venham contribuir para uma sociedade igualitária. Sendo assim o ensino da diversidade étnicorracial denota um conhecimento real das matrizes

africanas e busca repor os danos causados no passado e nos dias atuais ao povo negro, que foi e ainda é considerado como inferior, não possuindo os mesmos direitos que os brancos. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais, Brasil (2004, p.10)

Políticas de reparações voltadas para a educação dos negros devem oferecer garantias a essa população, de ingresso, permanência e sucesso na educação escolar, de valorização do patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro, de aquisição das competências e dos conhecimentos tidos como indispensáveis para a continuidade nos estudos, de condições para alcançar todos os requisitos tendo em vista a conclusão de cada um dos níveis de ensino, bem como para atuar como cidadãos responsáveis e participantes, além de desempenharem com qualificação uma profissão.

Mas, infelizmente não é assim que acontece e de acordo com Cavalleiro (2007), nascer negro ou negra no Brasil está associado a possibilidade de ser pobre. A cor da pele já rotula o que você é, será, e muitas vezes se caracteriza como, desfavorecido, entre outros fatores negativos. Entretanto, apesar do Brasil ser considerado um país de rica diversidade cultural, é visível que a escola ainda não está preparada para reagir diante de algumas situações racistas, em que é necessário reflexão, planejamento e estudos mais aprofundados, que contribuam para um melhor relacionamento entre todos, possibilitando convivência harmoniosa entre alunos, e com a equipe escolar.

Assim, muitas situações vividas na instituição escolar colocam o negro em condições menos favorecidas, causando danos psicológicos, moral, físicos, e social, que por vezes, são irreversíveis. A criança como também os jovens negros carregam consigo marcas, sentimentos que fazem com que se sintam inferiores incapazes, reprimindo-se e achando que a instituição educacional não é um ambiente para eles, passando

assim a perder o interesse e o desejo de frequentarem a escola, tendo-a como espaço que lhe traz dor e sofrimento. Souza (1983).

Todavia, a construção da identidade dessa criança acontece, provavelmente, de forma insatisfatória em relação a sua cor de pele e a seu grupo racial, causando-lhe conflitos e auto rejeição. Por isso é fundamental que os educandos sejam orientados por professores qualificados, com formação específica para lidarem com os traumas gerados pelo preconceito e discriminação. Os educadores precisam estar atentos e serem sensíveis para agir e conduzir os acontecimentos preconceituosas que permeiam o âmbito escolar, no sentido de amenizar os danos para o aluno negro.

Para que está prática seja efetivada na escola é preciso novas posturas da equipe escolar, mediante as contradições preconceituosas existente, ressaltando a importância dos negros, sua história de lutas, resistências e conquistas, desenvolvendo, assim, uma educação voltada para desmistificação do preconceito e valorização de todos.

A instituição educacional é um ambiente que deve privilegiar a todos de modo igual. mas, ao participar do dia a dia da escola não é isso que percebemos, ao contrário, vemos situações e atitudes preconceituosas e discriminatórias, que colocam um grupo ou uma pessoa em situação de inferioridade em relação a outras.

Para que aconteça verdadeiramente o ensino de História da África dever-se-á buscar seu conhecimento, o que deverá romper com preconceitos ainda existentes. Com a implementação da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira nas escolas do País ocorreu uma grande conquista para a população negra. Porém, percebe-se ainda muitas dificuldades para os professores trabalharem essa temática, visto que a maioria dos livros didáticos não apresentam a África como deveria, ela ainda é apresentada focando as mazelas que afetam vários países, sendo ressaltado apenas neste.

Diante desses fatos, os alunos não negros prendem, desde muito cedo, a construírem um ar de superioridade sobre os negros, pois com a visão errônea que é repassada da África e de sua população, os ajudam a

formarem essa opinião equivocada. Com isso são gerados preconceitos, discriminação e desprezo por pessoas pertencentes ao grupo negro. Sousa (1983, p.10) esclarece,

A violência racista subtrai do sujeito a possibilidade de explorar e extrair do pensamento todo o infinito potencial de criatividade, beleza e prazer que ele é capaz de produzir. O pensamento do sujeito negro è um pensamento que se auto-restringe. Que delimita fronteiras mesquinhas à sua área de expansão e abrangência, em virtude do bloqueio imposto pela dor de refletir sobre a própria identidade.

Este panorama de sofrimento acompanha os negros desde muito tempo, pois, em épocas passadas lhes foi negado o direito de estudarem, e desempenharem ações de cidadania. Com este arcabouço de vivências negativas, o negro ficou em uma posição de desvalorização em relação aos brancos. É por isso que grupos de negros, através de diferentes movimentos sociais, lutam para que venham a ter os mesmos direitos que os brancos, pois não eram escravos, foram escravizados.

Muito ainda é preciso ser feito para que venhamos a ter uma educação igualitária, em que todos passem a desfrutar dos mesmos direitos, principalmente no âmbito escolar, espaço de formação de sujeitos. O que Santos e Galvão (2011 p.89) afirmam

O papel da escola é o de provocar a reflexão, o diálogo e a crítica, capaz de reeducar as relações sociais para o combate ao racismo, ao sexismo e a todas as formas de preconceito, e contribuir com mudanças comportamentais, cognitivas e psíquicas de respeito ao outro, valorização da diversidade, estímulo ao ecumenismo e solidariedade.

Nesta perspectiva, faz-se necessário que a escola venha a promover um ensino de qualidade com um currículo planejado para que não privilegie apenas uma parte da população estudantil, as crianças brancas.

Enquanto, crianças negras negam a si mesmas para incorporar o padrão europeu, pois para algumas o fato de ter a pele negra é motivo de tristeza e rejeição. Sousa (1983, p.7) diz “A discriminação de que seu corpo é objeto, não dá tréguas a humilhação sofrida pelo sujeito negro que não abdica de seus direitos humanos, resignando-se à passiva condição de “inferior”.

Assim, o educador precisa estar ciente das Leis e parâmetros que pautam a Educação, principalmente, no tocante ao ensino da História e Cultura Afrobrasileira. Para que o professor venha a trabalhar de forma clara, tentando expor da melhor maneira possível esse conteúdo, não é tarefa fácil, pois já faz algum tempo que se fala da importância dessa Lei ser de fato implementada nos currículos escolares e até o momento, quase nada foi modificado nas práticas educativas e a não efetivação dessa temática nas instituições escolares, permite a continuidade de uma formação de cidadãos leigos a respeito da história dos negros.

É necessário conhecer para mudar. E qual serão os benefícios que a sociedade terá com a real efetivação do ensino da História da África e Cultura Afrobrasileira nas escolas? Será possível compreender sua História para que possamos desfazer a concepção da África como continente miserável. Desfazer essa visão errônea é algo relevante e enfatiza as contribuições que os negros trouxeram para o Brasil, bem como a importância desse grupo para a nação.

Durante muito tempo da nossa História foi negado o direito dos negros a Educação. Com isso constitui-se uma sociedade marcada pela dominação e exploração de um grupo em relação ao outro, essa relação de autoritarismo imposta pelos europeus aos negros tem refletido em toda a sociedade, principalmente na instituição escolar, onde são reforçadas as noções de superioridade de uns grupos e inferioridade de outros.

Nesse sentido, a criança negra fica a mercê de piadas, apelidos e brincadeiras preconceituosas, fazendo com que a escola não seja um lugar prazeroso para ela que, sentindo-se reprimida, se evade, enquanto a criança branca pousa de superior. Cavalleiro, (2007, p.99)“ Simultaneamente, a criança branca é levada a cristalizar um sentimento de superioridade, visto que, diariamente, recebe provas fartas dessa

premissa. A escola assim, atua na difusão do preconceito e da discriminação”.

Diante disso, é preciso que a escola esteja atenta com o que ensinar, para que possa atender a toda a sociedade, no intuito de reorganizar o currículo para contemplar todas as crianças, de diferentes culturas. Segundo Cavalleiro (2007), o cotidiano escolar estar repleto de acontecimentos inesperados, em que o educador precisa agir de modo a não segregar ninguém por meio de suas práticas e atitudes. A escola é um espaço de descobertas para as crianças, é nesse ambiente que vão conhecendo o mundo e a si mesmo, compreendendo suas limitações, aprendendo a conviver com o contexto de cada realidade escolar. Assim o professor tem um papel importante de mediador do conhecimento entre a criança e o mundo, contribuindo positivamente ou negativamente para o seu desenvolvimento, como também, para a construção da sua identidade.

Uma educação voltada para a diversidade é um grande desafio e os educadores tem que estarem atentos as necessidades e diferenças das crianças, sejam elas sociais, econômicas e raciais, buscando entendimento e domínio para interpretar essas diferenças. É preciso investir na formação desse professor, possibilitando-lhe melhor conhecimento para um ensino eficaz. . Segundo Libâneo (2004) “A luta contra a exclusão social e por uma sociedade justa, uma sociedade que inclua todos, passa pela escola e pelo trabalho dos professores.”

CAPITULO 2 A LEI 10.639/2003 E O PROFESSOR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo, foi abordado a importância da lei 10.639 para a educação e a relevância de uma formação de professores na área da diversidade racial, ressaltando a necessidade de uma prática educacional igualitária que possa beneficiar a todos.

Em nove de março de 2003 foi sancionada a lei 10.639/03 pelo então presidente da república Luís Inácio Lula da Silva. Ela torna obrigatório o ensino de História da África e da cultura afro-brasileiras no currículo da Educação Básica, em, escolas públicas e privadas de todo país, configurando uma grande conquista para a população negra.

Dessa forma, a população passaria a conhecer melhor as matrizes culturais africanas que fazem parte da cultura brasileira. A escola é reconhecida como um lugar que valoriza as diferentes etnias, a Lei 10.639/03 propõe que de maneira mais aprofundada conheçamos a história dos africanos, possibilitando ampliar nosso olhar sobre esse grupo. Além de se contrapor ao que a escola impõe aos alunos que quase sempre é enfatizada a valorização do branco e a desvalorização do negro. Sobre isso, Gomes e Junior (2008, p.18) afirmam

A promulgação dessa lei é um marco na preocupação do estado brasileiro, com a exigência do ensino da cultura e história dos afrodescendentes. A ausência de preocupações específicas do Brasil, possivelmente, representa a confluência de duas tendências concomitantes da cultura brasileira: uma que aprofunda a visão universalista, disfarçando a presença de conflitos étnico no País; outra, de fonte eurocêntrica racista, que funciona pela eliminação das culturas africanas e indígenas das representações educacionais. Ambas as vertentes contribuem para o silêncio expressivo sobre os temas de interesses dos afrodescendentes na educação oficial.

Dessa forma, é preciso que haja uma melhor capacitação para os professores lidarem com essa temática, pois os mesmos tem muita dificuldade em expor este conteúdo, por não conhecerem suficientemente. É necessário que as instituições públicas e privadas atentem para as necessidades de seus funcionários, para que possam ter

programas que qualifiquem esses profissionais, visando um melhor desempenho de suas práticas. Tendo, como objetivo o conhecimento das matrizes africanas, mas sabendo que tal tarefa não é só dos professores, mas sim de toda escola, para que possam incluir esse conteúdo no currículo regular, e não apenas em datas comemorativas. Referente a isso, os PCNS reforçam (BRASIL, 2004, p.11)

Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da pele, em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos[...].

Com base nos argumentos acima fica visível a necessidade e a importância de conhecer e estudar as demais culturas existentes em nosso país. A Lei 10.639/2003 não é apenas um suporte para o combate ao preconceito, mas reconhece a escola como um ambiente que contribui fortemente para a formação igualitária das crianças.

Sendo assim, é um espaço que deve contribuir para o combate ao preconceito, valorizando as matrizes culturais africanas, mas apesar das leis e de algumas iniciativas: palestras, eventos, debates e movimentos contra o preconceito, a educação ainda é marcada pela desigualdade, e nem todos têm acesso a aprendizagem, sendo esse um direito restrito para alguns grupos, principalmente para a população Afrodescendente

É notória a insuficiência de uma política pública que possa amenizar esse número de crianças e jovens fora da escola, devido às desvantagens educacionais e ao preconceito presente no seu dia a dia. Falar do preconceito não é apenas sensibilizar, mas enfrentar desafios, dando maior atenção à temática, provocando uma reflexão individual e coletiva para que tenhamos uma transformação de pensamentos.

Para possibilitar uma educação voltada para a diversidade é preciso que os educadores estejam atentos a mudanças, que permitam interpretar melhor cada diferença, valorizando o negro na sociedade, pois muito se tem falado e pouco se tem feito diante das diversas situações que envolvem o sistema educacional e a população negra, que vem há algum tempo lutando para ser reconhecida. Todavia, os negros ainda aparecem na sociedade de modo inferior e associados a papéis desfavorecidos, o que é reforçado em livros e também nas mídias.

O livro didático ainda é uma das ferramentas mais utilizadas pelos professores. Esses mesmos livros ainda trazem a imagem do negro ilustrada e descrita de forma negativa e estereotipada, ficando sempre na memória de quem os lê, os papéis desfavorecidos e de cidadãos para os negros, enquanto a figura do homem branco é representada de forma privilegiada. Sempre ocupando os melhores lugares e bem vestidos. Desse modo, é difícil para a criança negra permanecer firme na escola, em que a sua história e a do grupo, ao qual pertence é ensinada de forma negativa Para Munanga (2005,p.24)

A presença dos estereótipos nos materiais pedagógicos e especificamente nos livros didáticos, pode promover a exclusão, a cristalização do outro em função e papéis estigmatizados pela sociedade, a auto-rejeição e a baixa auto-estima, que dificultam a organização política do grupo estigmatizado.

Assim, é preciso que os professores saibam trabalhar o livro didático, uma vez que a imagem do negro, na maioria das vezes, nele aparece de forma estereotipada e, para muitos professores, é o único recurso que tem para trabalhar com as crianças, tendo em vista que não possuem muitas opções de materiais para o trabalho didático. Em quase todas as escolas, principalmente nas públicas, os materiais pedagógicos são escassos, sendo o livro o principal meio de comunicação e cultura. Munanga (2005).

Nessa perspectiva, o professor pode vir a ser um mediador do preconceito, por isso é relevante aos professores do Ensino Fundamental

uma formação específica, com o intuito de prepará-los melhor para as situações e vivências que discriminam e excluem as crianças negras, bem como, com o objetivo de reparar as lacunas deixadas nos livros didáticos e paradidáticos.

Cavalleiro (2007), aponta que o maior índice de evasão escolar e repetência, está na população negra, este grupo em sua maioria tem poucas perspectivas de chegarem a níveis de escolaridades mais elevados, que os preparem melhor para o mercado de trabalho. Com isso a população negra fica excluída e taxada a posições menos qualificadas, o que acontece desde muito cedo, quando a criança negra é inserida na escola, momento em que passa a conviver com outras crianças e, conseqüentemente, com o preconceito imposto pela sociedade.

Na maioria das vezes, o professor ao se posicionar consciente ou inconscientemente de forma preconceituosa, acarreta prejuízos para o desenvolvimento da criança negra, que ao invés de prosseguir nos estudos, se fecha achando-se incapaz de aprender e de ter os mesmos direitos que as crianças brancas. Como consequência disso, a criança negra é impedida de construir suas próprias condições de desenvolvimento e de ensino aprendizagem, A esse respeito Cavalleiro (2007,p.32) ressalta

[...] Esse ritual pedagógico, que ignora as relações étnicas estabelecidas no espaço escolar, pode estar comprometendo o desempenho e o desenvolvimento da personalidade de crianças e de adolescentes negros, bem como estar contribuindo para a formação de crianças brancas e de adolescente brancos com um sentimento de superioridade.

A escola deveria ser um dos principais ambientes de desconstrução do preconceito, pois é nela que os sujeitos vão se desenvolver, desde o manusear da caneta, até estarem preparados para o mercado de trabalho. Por isso, a escola tem um papel fundamental na construção da identidade do sujeito, pois a mesma é considerada um

lugar que forma cidadãos e que promove a valorização das matrizes culturais.

Sendo assim, é necessário ações efetivas que promovam o debate e a reflexão sobre o tema em foco, para que individualmente e coletivamente os indivíduos contribuam para superação e eliminação de atos, práticas e tratamentos preconceituosos. E a escola, como espaço de promoção e valorização da diversidade deve reconhecer seus alunos, pois cada um possui suas especificidades, maneiras de aprender, estilos e ritmos diferenciados. Entendendo que a sala de aula é um espaço de diversidade, e não pode ser visto como um lugar homogêneo.

Estamos vivendo mudanças constantes em todos os sentidos da vida social e cultural, o que nos leva a perceber e a refletir a importância e a necessidade que a sociedade brasileira tem de conhecer melhor sua cultura, composta pela diversidade étnica e cultural dos diferentes grupos que a constituem. Entretanto, faz-se necessário uma reflexão sobre a realidade racial do Brasil, e cabe a escola esse papel, como diz Cavalleiro (2007, p.101) “A escola tem-se mostrado omissa quanto ao dever de reconhecer positivamente a criança negra, no cotidiano, o que converge para o afastamento dela do quadro educacional.”

Diante disso, é um desafio para os professores lidarem com essa temática em sala de aula, visto ser ela, indispensável na construção da identidade de cada aluno. Vale salientar também, que muitas vezes o professor se cala e deixa, o preconceito passar despercebido, inclusive em materiais didáticos. Assim, combater o preconceito racial na escola ainda é um desafio para professores e toda equipe escolar, pois não é fácil desconstruir o preconceito que permanece entre nós. Ainda de acordo com Cavaleiro (2007, p. 100)

Ao silenciar, a escola grita inferioridade desrespeito e desprezo. Neste espaço, a vergonha de hoje somada à de ontem e, muito provavelmente, à de amanhã leva a criança negra a reprimir suas emoções, conter os seus gestos e falas

para, quem sabe, passar despercebida num “espaço que não é seu.

Todavia, a construção de trabalhos que venham a corroborar com o respeito não só entre alunos e professores, mas que envolvam todos os integrantes da instituição escolar para que assim, venham a lutar por práticas que impulsionem a inclusão de crianças negras no ambiente educacional. Sabendo que não tem como tirar das mãos do professor, como também de toda a instituição escolar a obrigação de conhecer e direcionar um olhar amplo para as diferenças que ainda são silenciadas.

Assim, a escola necessita reorganizar seu currículo na intenção de desenvolver uma educação flexível e justa, em que esses saberes adquiridos venham fazer com que as crianças desenvolvam seu modo de pensar, para melhor compreensão e problematização dos fatos. Nesse sentido, Antunes (2003, P.21) relata

[...] a escola precisar ajudar toda criança a se auto conhecer, pois assim sentir-se-á apoiada em bases firmes sobre as quais construirá sua vida e saberá identificar o que necessita ser mudado e como realizar. [...] nesse contexto o papel dos professores é essencial ensinando a criança a conhecer-se bem para superar suas incongruências e buscar, com serenidade, seus ideais.

Sabemos que é também a partir da escola que a criança vai começar a formar sua identidade, tendo os valores ali adquiridos como referência para a construção de seus conceitos. Diante de todo esse arcabouço os professores tem papel fundamental para direcionar o aluno no caminho certo, caminho esse que será trilhado por toda a vida.

Assim, se faz necessário que os educadores formem sujeitos autônomos, críticos, reflexivos e pensantes para que o ensino se torne uma ferramenta de conhecimento, mudança e libertação. Numa

perspectiva de efetivar uma educação igualitária para todos, respeitando cada um, em suas especificidades.

As reflexões realizadas sobre a importância e a valorização dos povos afro-brasileiros, Africanos e indígenas são importantes para o reconhecimento da diversidade cultural, com isso os professores tem o compromisso e a responsabilidades de trabalhar esse conteúdo, de forma clara, reconhecendo e ensinando a relevância e o valor de cada etnia. Ressaltando que, a forma mais eficaz, para eliminar o preconceito é o conhecimento.

Assim, estudar e conhecer a diversidade racial, contribuirá para formar alunos conscientes de seus deveres e direitos de cidadãos, sabendo se posicionar de forma crítica, para tentar combater os preconceitos, porque, o preconceito é manifestado, na maioria das vezes, por falta de conhecimento e de um diálogo aberto. Diante de um conhecimento aprofundado o mesmo perderá suas forças, pois não há arma maior que o conhecimento, para acabar com muita violência, dentre elas, o preconceito. Podemos constatar que em séculos passados queimavam-se os livros, ou seja, o conhecimento era algo proibido. Nos dias atuais, isso também acontece na forma de omissão referente ao ensino de História da África e das diversidades, o que ainda é deixado de lado, não se dando a devida importância.

Fazer de conta que o preconceito não existe não levará a nada, pelo contrário se fortalecerá, cada vez mais, tais atitudes, por isso é preciso combatê-lo, buscando melhor conhecimento sobre o que é racismo, preconceito, e discriminação e suas manifestações, possibilitando assim, maneiras de amenizar tais práticas, através da educação, e os professores precisam estar atentos, pois eles tem em suas mãos a oportunidade de modificar tais práticas. Desse modo, Munanga (2005, p. 22) defende

Nesse sentido, afirmo que cabe uma formação específica para o professor de Ensino Fundamental, com o objetivo de fundamenta-lo para uma prática pedagógica, com as condições

necessárias para identificar e corrigir os estereótipos e a invisibilidade constatada nos materiais pedagógicos [...].

Nesse sentido, é importante que os professores estejam cientes de suas práticas em sala de aula e de sua intencionalidade para a aprendizagem dos educandos. Assim, torna-se fundamental um melhor aprofundamento desse tema para se obter um ensino de sucesso. Munanga (2005), o preconceito é uma postura adotada por pessoas que se sentem superiores em relação às demais, esse tipo de atitude é vista e propagada no ambiente escolar, sendo uma prática depreciativa para as pessoas que são vítimas. Esse tipo de prática precisa ser banida do meio da sociedade, principalmente do espaço escolar.

As diferenças existem em todos os setores da sociedade e estas contribuem para conflitos entre pessoas ou grupos. Conviver com as diferenças tem sido um desafio, talvez o maior de todos, principalmente no âmbito educacional, em que as crianças estão a incorporar quase tudo que lhe é ensinado, sendo assim é importante que se construa uma educação com o compromisso de ver e instigar cada vez mais as habilidades e competências dos sujeitos e não ficar centrado nas diferenças que está em cada um de nós.

É preciso acordarmos e percebemos que o preconceito é algo sutil e sem fundamento, pois somos todos seres humanos, portanto iguais, o que nos diferencia é nossa cor de pele, tipo de cabelo, religião, orientação sexual, entre outros fatores. Independentemente de nossas diferenças, gostos e práticas, somos todos iguais. Por isso, que se faz necessário uma educação voltada para a eliminação do preconceito e favorável a valorização das diversidades.

CAPITULO 3 CONTRIBUIÇÃO DAS PROFESSORAS REFERENTE À APRENDIZAGEM DOS ALUNOS AFRODESCENDENTES

Neste capítulo, analisamos as respostas das educadoras do Ensino Fundamental I, da Escola municipal Dr Geraldo de Melo, referente às diferenças étnicorraciais no contexto escolar, seus perfis e tempo de atuação como docentes, para melhor compreensão de suas práticas como educadoras e mediadoras do conhecimento, com ênfase para o tema apresentado.

Cinco professoras aceitaram contribuir com a pesquisa respondendo aos questionários. Todas afirmaram ter o curso superior em Pedagogia, quatro possuem especialização e uma está cursando, como apresentado a seguir.

A professora A tem especialização na área da Educação vinte e seis anos de atuação e há dezoito atua nessa escola. A professora B tem especialização em novas tecnologias, quinze anos de atuação e há dez anos atua na mesma escola. A professora C possui especializações em psicopedagogia e em novas tecnologias, e está há dezoito anos na mesma escola. A professora D possui especialização na área da educação, e em sua trajetória como educadora já participou de vários cursos de capacitação com essa temática, tem trinta e dois anos de atuação e há vinte e cinco, está nessa escola. A professora E está cursando especialização em Educação Infantil, possui quatro anos de atuação. na área e, nessa escola.

Ao serem perguntadas se desenvolvem algum projeto referente a diversidade cultural e racial, as professoras responderam que realizam alguns trabalhos em sala de aula, por iniciativa própria, mas não realizou projetos específicos sobre a temática afirmando estarem atentas para a importância de trabalhar com a diversidade cultural. Como afirmam

“Não. É desenvolvida sequência didática, onde se trata as distintas culturas que existem no planeta e inclusive no Brasil”.
(Professora A)

“Não. Mas desenvolvemos debates e vídeos que mostram a diversidade cultural e racial da sociedade”.(Professora D)

“A escola que eu trabalho ainda não desenvolve um projeto, porém eu como educadora sempre estou abordando esta temática”. (Professora E)

Ficou evidente em suas falas que apesar da escola ainda não desenvolver projetos relacionados à diversidade cultural as professoras se preocupam em debater com os alunos os vários tipos de culturas existentes em nosso país, passando conhecimentos que vão contribuir para a formação das crianças, fazendo com que elas reflitam sobre sua própria identidade. A esse respeito Munanga (2005, p. 25) escreve

Uma vez que a mediação da ação humana, realizada através das experiências do cotidiano, das práticas culturais dos negros subordinados, possibilita a apreensão da contradição, a reelaboração e a resistência às ideologias do recalcamento das diferenças.

Assim, cabe ao professor ir além de conteúdos preestabelecidos, pois, para trabalhar com Educação é preciso que o mesmo planeje, e que nesse planejamento esteja contemplado o contexto social, religioso, étnico, emocional entre outros, contribuindo para a construção do sujeito.

Através das respostas das participantes percebemos que algumas professoras não se disponibilizam em procurar outras formas de conhecimentos, além das que obtiveram em sua formação. A prática educacional precisa ser um ato de reflexão e busca contínua, em que o educador deve pensar e repensar sua ação. É preciso que os professores despertem para as desigualdades existentes em sala de aula, podendo entender que é muito importante conhecer a diversidade cultural e étnica dos alunos, contribuindo assim para o fim das desigualdades existentes entre os muros escolares e também na sociedade.

O professor é um mediador e orientador do conhecimento, fornecendo subsídios para que o indivíduo aprenda sobre a sua origem étnicorracial. Sendo assim o educador é essencial para a formação do aluno, bem como para o reconhecimento da sua identidade. Cavalleiro (2000, p.98) afirma “A existência de preconceito e de discriminação étnico, dentro da escola, confere a criança negra a incerteza de ser aceita por parte dos professores”.

Quando acontece essa negação, as crianças negras ficam quase sempre excluídas de participarem do processo de ensino aprendizagem da mesma forma que as crianças brancas, uma vez que sofrem no ambiente escolar, diversos tipos de preconceitos, desenvolvendo, na maioria das vezes, um retardamento de sua aprendizagem e, conseqüentemente, do seu potencial junto aos demais, chegando até mesmo a abandonarem a escola. Nessa perspectiva as professoras pesquisadas precisam se envolver mais com a realidade escolar, para que possibilitem um melhor desenvolvimento de todos, em especial da criança negra, que desde cedo já se depara com o preconceito.

Quando questionadas *quais recursos a escola dispunha para trabalhar com a diversidade étnicorracial*, todas as professoras responderam de modo parecido, ressaltando a carência de materiais pedagógicos para trabalharem com esse tema, como podemos ver nas falas,

“A escola é muito pobre em relação a esse tema, temos apenas a mídia a nossa disposição” (Professora C)

“Apenas com os livros didáticos e mesmo assim são temas curtos que não ajuda muito para o objetivo ser alcançado”.
(Professora D)

“A escola não tem muitos recursos para trabalhar com a diversidade, apenas trabalho com a realidade dos alunos, mostrando que somos todos diferentes, mas somos todos seres humanos” (Professora E)

Percebemos, pelos relatos acima, que as professoras ficam presas em suas aulas, na maioria das vezes, apenas aos livros didáticos. Sendo assim, é visível a carência de materiais pedagógicos relacionados à diversidade cultural na escola, bem como falta políticas de incentivo, voltadas para inclusão das diferenças que compõem a sociedade. A respeito dessa questão, Munanga (2005. p. 22) nos diz

O livro didático ainda é, nos dias atuais, um dos materiais pedagógicos mais utilizados pelos professores, principalmente nas escolas públicas, onde, na maioria das vezes, esse livro constitui-se na única fonte de leitura para os alunos oriundos das classes populares.

Como afirma o autor, o livro didático ainda é uma ferramenta bastante utilizada na aprendizagem das crianças, principalmente nas escolas públicas. Diante disso o ensino fica limitado apenas ao que é disponibilizado no livro, contribuindo assim, para um aprendizado limitado. Como afirma umas das professoras acima, além de ter somente o livro, o mesmo apresenta uma visão rápida da diversidade, quando, é necessário que a criança seja preparada, desde cedo para romper com o preconceito. Nesse sentido, será um desafio para a escola promover políticas que incluam a diversidade cultural.

Assim a diversidade cultural precisa ser levada a sérios nos setores educacionais, estabelecendo um elo entre passado e presente, mostrando as contribuições que cada cultura possui e sua importância para a sociedade, por outros meios de conhecimentos, uma vez que os livros didáticos, quase não abordam o assunto.

Ao serem indagadas *como trabalhavam a interação entre alunos negros e não negros em sala de aula*, as professoras questionadas responderam de forma clara e objetiva, como visualizado nas falas abaixo.

“Na sala de aula, sempre me preocupo com o respeito entre os alunos, dessa forma não tenho problemas, porém, procuro

desenvolver nos educandos o espírito de solidariedade e respeito pelo outro diante da diversidade existente no meio em que está inserido (Professora C).”

“Uso o método diário, que é o diálogo sobre o respeito e as diferenças, sejam elas independente de qual estão colocadas. E mostro, através de pesquisas o que o preconceito pode fazer na vida de quem recebe e de quem tem esse tipo de sentimento” (Professora D).”

“Eu procuro trabalhar a interação entre os alunos negros e não negros de forma natural, mostrando pra todos que somos uma mistura de raças com sangue que corre nas veias bem misturados, que formam características diferentes, mas que somos todos seres humanos e que temos que nos respeitar e nos amar como bons brasileiros. Trabalho esta temática em sala de aula através principalmente do diálogo e fazendo com que eles façam observações de si próprios e dos colegas da sala de aula (Professora E).”

Observamos que as professoras citadas entendem a relevância de tratar igualmente a todos os alunos e desenvolvem um trabalho voltado para as diferentes etnias que compõem a sala de aula. Sabendo que cabe ao professor desenvolver o melhor método para o entendimento e compreensão dos temas desenvolvidos em sala, estando atentos para as situações de preconceito ocorridas, que se repetem ainda com muita frequência nos dias atuais, apesar de alguns professores se comprometerem e realizar seus trabalhos com êxito. A respeito desse assunto, Cavalleiro (2007, p. 98) afirma,

No espaço escolar há toda uma linguagem não-verbal expressa por meio de comportamentos sociais e disposições-formas de tratamento, atitudes, gestos, tons de voz e outros, que transmitem valores marcadamente preconceituosos e discriminatórios, comprometendo, assim, o conhecimento a respeito do grupo negro.

Com base nessa fala, fica evidente que não é preciso apenas falar para que se desenvolva o preconceito, atitudes, gestos entre outros fatores, contribuem para a sua disseminação. Entretanto, apesar das professoras questionadas responderem que trabalham de forma harmoniosa a relação entre alunos negros e não negros é preciso que elas busquem melhor aprofundamento dessa temática, enfatizando que o mundo é formado por culturas e valores diferentes e que todo ser humano deve ser respeitado na sua diferença.

Ao serem indagadas *como trabalhavam a diversidade étnicorracial em sala de aula*, as professoras mostraram que tentam inserir da melhor maneira possível, buscando sempre usar o diálogo com a turma, envolvendo todos em uma dinâmica que possam se sentir iguais, afinal a sala de aula é um ambiente diversificado, para o qual o educador precisa está ciente de seu papel, conforme apontam as falas,

“Trabalhar essa temática em sala de aula é fator importante e é trabalhada na forma de igualdade e valorização das diferentes raças (Professora A).”

“Vivendo no ambiente escolar se faz necessário que o professor hoje trate o assunto gênero e diversidade na escola que é possível formamos cidadãos capazes de respeitar as diferenças e conviver melhor com o outro. (Professora C).”

“Costumo trabalhar com pesquisas diversificadas. Cada um traz um tipo de cultura e apresenta. Dessa forma os alunos aprendem e repassam e tento deixar mensagens de reflexões sobre os modos no qual olhamos para o próximo. (Professora D).”

“Através do diálogo, tento mostrá-los as nossas raízes que evidenciam a questão da etnia no nosso país, sobretudo na sala de aula”. (Professora E).”

Ficou evidente nessas falas, a contribuição das professoras em prol desse tema, pois, sabemos que muito ainda precisa ser discutido e

trabalhado na prática escolar para que possamos ter uma educação que privilegie à todos.

Todavia, os desafios de uma sala de aula coloca o educador perante uma barreira que o impede de realizar seu trabalho, como deveria. O pouco material disponível, as salas lotadas, a formação deficitária, são fatores que podem colaborar para que o professor, na maioria das vezes, deixe o desânimo tomar conta das suas aulas, sem procurar novas fontes e novos cursos para sentirem-se cada vez mais qualificados e desenvolverem um bom trabalho, levando as crianças a se formarem cidadãos aptos a exercer seus direitos na sociedade. Cavalleiro, (2007). Diante disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais, Brasil (2004, p. 11) esclarecem

Reconhecer, exigir que os estabelecimentos de ensino, frequentados em sua maioria por população negra, contem com instalação e equipamentos sólidos, atualizados, com professores competentes no domínio dos conteúdos de ensino, comprometidos com a educação de negros e brancos, no sentido de que venham a relacionar-se com respeito, sendo capazes de corrigir posturas, atitudes e palavras que impliquem desrespeito e discriminação.

Esses espaços escolares transmitem e desenvolvem ações que contribuem de forma positiva ou, negativa para o crescimento de crianças e adolescentes, tornando-se assim, um lugar agradável, mas também conflituoso. Esse conflito, na maioria das vezes, interfere no dia a dia das crianças negras, que são submetidas a um cenário de inferiorização de si mesmas e de seu grupo, em contraposição a supervalorização das crianças brancas. Souza (1983).

Ao serem perguntadas *se percebiam alguma diferença no processo de ensino aprendizagem dos alunos negros e não negros*, as falas que seguem deixaram claro que a forma como as professoras trabalhavam, tem contribuído para um ensino de qualidade, com, uma prática diversificada. É preciso que os educadores entendam e realizem aprendizagens, sem rotular as crianças negras, sabendo que todas são

iguais, e que a cor de sua pele não influencia em seu desenvolvimento, se forem trabalhadas de forma igual.

Assim a escola deve atender as necessidades dos educandos. Nessa perspectiva, os professores tem a missão de repassar para os alunos a problemática da realidade em que vivem. Todavia, tem o desafio de buscar a melhor forma de trabalhar os temas transversais em sala de aula, mostrando aos alunos a importância de cada cultura, do diálogo entre elas, para envolver a todos, na perspectiva de fazê-los conhecer e interagir com os diferentes tipos de cultura existente em nossa sociedade. Assim as professoras evidenciam

“Não. Todos são seres pensantes, não é a cor que vai fazer diferença no processo de ensino aprendizagem do aluno negro e não negro.” (Professora A).”

“Não. Pois os alunos são flexíveis e procuram se dar bem uns com os outros. E se surgir alguma piada, procuro explicar o real, da vida.” (Professora B).”

“Não. Acredito que enquanto mediadora do conhecimento, os professores precisam fazer a diferença em relação a diversidade no âmbito escolar, no que se refere a gênero religião, raça ou opção sexual e buscar minimizar reações preconceituosas e discriminatórias.” (Professora C).”

“Não, porque a cor não difere ninguém em sua capacidade de aprendizagem.” (Professora D).”

“Eu não percebo diferença no processo dos alunos negros e os não negros, porque estou sempre preocupada em passar o respeito um com o outro, independente de cor, raça sexualidade.” (Professora E).”

Percebemos, nessas falas, que as professoras adotam o método do diálogo, tendo como objetivo mostrar para todos que temos os mesmos direitos, independente de cultura, cor, gênero. A educação possui como função principal a formação do sujeito, com isso é a partir

da escola que a criança começa a formar sua identidade, se construindo como sujeito. Assim é importante a contribuição das professoras para que entendam suas raízes e possam diminuir o desconhecimento que leva ao preconceito, ao racismo e a discriminação, possibilitando ao aluno refletir sobre si mesmo e sobre as diferenças existentes. Nesse sentido os Parâmetros Curriculares Nacionais, Brasil (2004, p.13) apontam

A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concertos das nações como espaços democráticos e igualitário.

Como afirmam os PCNS, a escola tem papel preponderante na eliminação do preconceito, com isso faz-se necessário que assuma esse papel de construtora de conhecimentos e reparadora da discriminação, sendo um espaço democrático que possibilite a todos, os mesmos direitos, sem restrições. A educação sem dúvida é um elemento fundamental na construção de novos pensamentos e posturas que amenizam os preconceitos existentes em nossa sociedade. Sendo assim os professores precisam construir práticas que gerem respeito entre todos, possibilitando a articulação no processo de ensino aprendizagem, nas diversas áreas do conhecimento fortalecendo cada vez mais o ensino da diversidade cultural. Nesse sentido percebemos que as professoras questionadas usam métodos de aprendizagem igualitária para todos, buscando desenvolver o potencial de cada um, independente de cor.

Mas é preciso discutir no cotidiano escolar, as temáticas raciais que estão presentes no contexto educacional, despertando a conscientização dos profissionais que compõem esse espaço, uma vez, que os mesmos são mediadores do conhecimento desenvolvendo um novo olhar sobre a população negra. Pois, as crianças negras, em sua grande maioria, chegam a escola marcadas pelo preconceito racial, por

isso, é importante ações que venham estabelecer a dignidade, o respeito, a valorização e a igualdade para com todos. Entretanto sabemos que a escola ainda é acometida pelo preconceito, discriminação e racismo.

Esse é um problema de todos e não só dos professores, o esclarecimento dos temas devem ser sempre debatidos para mostrar o que essas atitudes causam em quem as sofrem. Dessa forma, não será fácil para os educadores adquirirem e desenvolverem métodos coerentes referente as etnias, por isso requer clareza e metas a serem seguidas, com trabalhos didáticos voltados para a reflexão, e a auto análise, os quais serão essenciais para trabalharem os conteúdos de história e cultura africana e Afrobrasileira.

Ao serem perguntadas *se os livros didáticos reapresentam o negro na sociedade brasileira*, todas as professoras concordaram que precisam mudar, pois, são fontes únicas de conhecimentos, ainda utilizadas na maioria das escolas. Dessa forma é necessário que os professores saibam utilizar o livro para que a visão que esses repassam do negro, em papeis inferiores, seja desfeita.

Esses sujeitos devem buscar outros meios de ensino que enfatizem o diálogo entre as diferenças, para que a imagem negativa do negro seja desmistificada. Na perspectiva de construir uma identidade negra positiva e entender a trajetória dos negros e suas contribuições para o nosso país. Assim, talvez possamos realizar uma educação emancipatória e igualitária, colaborando para a formação de sujeitos críticos, autônomos e conscientes de seus atos. O que podemos verificar nas falas,

“De modo geral, o livro didático apresenta de forma simplificada as experiências e o processo histórico cultural de forma superficial. E ainda, na maioria vinculada a representações negativas do negro e positiva do branco. Portanto, muito ainda deve ser feito para transformar a imagem do negro no livro didático.” (Professora A).”

“Os livros deveriam ser mudados e apresentar o negro como uma pessoa igual aos outros e não fazendo alguma diferença.”
(Professora B).”

“Os livros didáticos relatam fatos históricos no qual o negro participou, mas não existe uma colocação única e como aprendizagem de relevância ainda é algo superficial.”
(Professora D).”

Nesse sentido, foram feitas pesquisas em alguns livros didáticos do Ensino Fundamental à luz da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana e Afrobrasileira, mas, infelizmente ainda percebemos um estigma em relação a isso, pois na maioria das vezes, a classe dominante ainda exclui a cultura e o povo negro e algumas imagens do negro nos livros ainda é ilustrada de forma subalterna.”(professora E).”

Com relação as falas acima, os Parâmetros Curriculares Nacionais Brasil (2004, p.9) propõem

[...] à divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente, tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada.

Com isso, faz-se necessário uma política educacional voltada para a valorização da diversidade racial, que realmente proporcione aos educandos a valorização de sua cultura, exercendo assim uma educação que valorize a diferença, visto que cada um possui sua especificidade e merece ser respeitado.

Ao serem questionadas *se conheciam as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 e como se posicionavam em relação a elas*, todas as professoras responderam que conheciam as referidas leis, como afirmam,

“Essa Lei não é de fácil aplicação, mas deixa bem claro que é de muita importância para a população negra, pois através dessas leis torna-se obrigatório o ensino da Cultura Afro-brasileira na sala de aula, possibilitando assim uma educação igualitária.” (Professora D).

“Conheço um pouco. As leis não são de fáceis aplicações. Porém necessária para o reconhecimento dos direitos sociais, culturais, civis e para a valorização da diversidade, do que distingue os negros dos outros grupos, também propõem as Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Étnico-raciais. Portanto, para que a promoção de uma educação pautada nas relações étnico-raciais, tenha um objetivo de garantir uma educação de iguais direitos para o desenvolvimento de todos.” (Professora A).

Assim sendo, é importante conhecer as referidas Leis, pois elas proporcionam a garantia de direitos, bem como rompimento de preconceitos inerentes ao povo brasileiro, desde a sua gênese. Elas traz contribuição, sociais, econômicas e políticas, importantes para a história do Brasil; e para a nossa cultura.

As professoras citadas, também ressaltam a importância das Leis para uma educação mais justa e construtora de conhecimentos da história do negro, pois até então, não era dada a devida importância para esses conteúdos, só depois de muita luta e reivindicação dos movimentos sociais negros, foi que se conquistou as referidas leis para tratar desse tema.

Entretanto, mesmo com as Leis em vigor ainda se encontra muitas barreiras para o ensino dessa temática, empecilhos ainda surgem para a não concretização desse conteúdo em sala de aula. Um deles é a falta de formação de alguns professores para ensinar esse tema. Com relação a isso as professoras argumentaram,

“A lei é de suma importância, pois proporciona no dia a dia garantia de direitos, bem como possibilitam o rompimento

com tantos preconceitos inerentes, desde sua gênese e traz uma grande contribuição, para as áreas sociais, econômicas e políticas que é importante para a História do Brasil; já que trouxe muitos traços de sua cultura como música, culinária e outros”.(Professora B).

“Bem, na verdade não acredito que necessariamente deveríamos ensinar determinados assuntos por força de obrigatoriedade de uma lei, mas no Brasil cria-se lei pra tudo. (...) as diferenças não existem em função do isolamento dos povos, mas da combinação particular que cada povo fez e faz dos elementos que retira do contato com os outros povos.” (Professora C).

“Sim, a lei como muitas em registro, na maioria das vezes, não passa apenas de uma documentação. Na prática escolar o sistema priva o educador a ensinar de forma mais abrangente pelo fato de ser excluído do livro didático governamental. E na minha opinião, isso é uma afronta a sociedade e principalmente ao negro que teve grande participação na nossa História. (Professora D).

“Conheço as Leis, porém o meu posicionamento em relação as mesmas é que mesmo com elas em ação o negro ainda é muito excluído em nosso país.” (Professora E).

Percebemos que a professora C entra em contradição em relação as demais sobre as Leis, pois, pensa que não deveria ser obrigatório trabalhar esse tema nas escolas, mas, imaginem se não houvesse as leis para dar um respaldo, quem trabalharia a temática. Com isso fica evidente que a professora precisa ler mais para aprimorar seus conhecimentos e entender que o sistema escolar, na maioria das vezes, priva os alunos de determinados conteúdos, causando desconhecimento e preconceito para com o diferente.

Tal desconhecimento contribui para uma Educação pobre em determinados conteúdos. Por isso os educadores devem buscar além do que o sistema escolar estabelece para que possam desenvolver um trabalho sem excluir nenhum grupo ou pessoa, mas sim fazer com que

todos reconheçam a importância de cada, um, independente de sua cor, raça, religião, gênero entre outros, Como argumentam Gomes e Júnior (2008, p.183)

Quando a escola conseguir extrapolar a visão estereotipada, constituir-se-á, então, o ethos, que normalmente é sufocado pelo silêncio. Ainda que longe de poder solucionar todos os problemas oriundos das desigualdades raciais, a escola ocupa um lugar de destaque em toda a sociedade brasileira, o que revela que é possível mudar a escola e reiniciar ethos da diversidade.(Sic)

Assim, a escola, muitas vezes, fica em silêncio diante das situações preconceituosas que a permeia, contribuindo para o fortalecimento das desigualdades e preconceitos. Entretanto cabe a ela mudar esse quadro de silêncio perante a discriminação que a assola, pois a instituição educacional é um lugar de amplitude e as crianças procuram-na com a intenção de aprender e, conseqüentemente, formar sua identidade.

Ainda ao serem *perguntadas como trabalhavam as situações preconceituosas que acontecem* entre os alunos, as professoras demonstraram estar aptas para controlar as situações existentes, conforme afirmam,

“Sempre que possível elaboro atividades e lanço discussões sobre as situações preconceituosas em sala.” (Professora A).”

“Mostrando pra eles que isso é algo que criaram na cabeça deles, abuso de poder e ignorância de pessoas sem conhecimento e que achavam que cor diferenciava alguma coisa. Mas que eles tem que ser eles mesmos, e os próprios não se deixar discriminar.” (Professora B).”

“Em relação a atitudes preconceituosas em sala de aula, não basta ser tolerante a meta deve ser a do respeito aos valores culturais e aos indivíduos de diferentes grupos, do reconhecimento desses valores e de uma convivência harmoniosa.” (Professora C).”

“É muito complicado trabalhar o preconceito com uma sociedade que tem uma grande parcela desses. Mas gosto muito de levá-los a refletir sobre os nossos atos, o que pensamos, se faz sentido pensar assim” (Professora D).”

“Quando percebo que está acontecendo uma situação preconceituosa em sala de aula, primeiro converso com os alunos sobre a nossa mistura de raças e cores que o povo brasileiro tem, mostrando que somos o resultado de vários brasileiros, que somos o resultado de várias raças principalmente do negro, índio e branco e se mesmo assim permanecer o preconceito, resolvo em particular com os alunos que estão sofrendo com isso e com os que estão com preconceito.”(Professora E).”

Diante das respostas das professoras podemos constatar que trabalham de forma consciente para minimizar as situações preconceituosas em sala de aula, tendo como alvo possibilitar um ensino que venha beneficiar todos os grupos. A atitude coerente do educador para acabar com os momentos constrangedores causados pelo preconceito em sala de aula é um grande passo para que essas atitudes percam suas forças.

O educador precisa passar um conhecimento real para os alunos, explorar os conteúdos sobre o racismo, preconceitos e discriminação, mostrando os danos causados por esses sentimentos, enfatizando que atitudes preconceituosas não levam a nada, a não ser a desvalorização do outro e de si mesmo. Nas falas acima, as professoras questionadas usam métodos coerentes para minimizar essa prática que assola principalmente o povo negro, desenvolvendo o respeito entre todos, contribuindo assim para um ambiente agradável entre ambos como também para uma boa aprendizagem.

Com isso, torna-se fundamental professores capacitados e aptos para trabalharem com situações de preconceitos e discriminação que cercam a sala de aula, a fim de desmistificar discursos e atitudes preconceituosas, promovendo o respeito à diversidade étnicorracial.

Dessa forma, é relevante que os educadores tenham formação continuada, como também possam refletir sobre suas metodologias e conceitos, enriquecendo seus conhecimentos, analisando suas atitudes e posturas preconceituosas e transformando o processo educativo em algo mais igualitário e democrático para todos. Para reforçar essa ideia, Júnior e Gomes (2008, p.64) afirmam

O enfrentamento da desvalorização e do desrespeito, já naturalizados em relação aos afrodescendentes e à sua história, exige um compromisso que ultrapassa a racionalidade imposta pela lógica formal. Desse modo, justifica-se a necessidade de investimento em outras maneiras de pensar e sentir a vida, a escola e seus atores sociais. Em vista dessa compreensão, seria preciso ancorar o ato de conhecer na experiência individual e coletiva da turma, instigar a emoção, a curiosidade e o envolvimento com a pesquisa.

Nessa perspectiva, faz-se necessário um compromisso maior por parte dos educadores, pois o que vemos na realidade escolar é o descompromisso em trabalhar com a diversidade cultural. Toda via requer um maior investimento por parte da escola para tratar as diferentes etnias, visando o desenvolvimento de políticas, que valorizem a História, a Cultura e os costumes dos Afrodescendentes.

Desse modo, o professor promove uma reflexão individual no intuito de reverter pensamentos, atitudes, posturas e atos preconceituosos, racistas e discriminatórios, com interesse, e entendimento que possam construir uma educação fundamentada no reconhecimento do outro, como também de suas diferentes culturas, religião, gênero entre outros.

Contudo, os educadores por terem conhecimentos diversos, exercem importante contribuição no combate ou fortalecimento do preconceito no âmbito escolar, desenvolvendo um papel essencial para formação de atitudes dos alunos. Nessa perspectiva, a escola e seus profissionais exercem importante influência na construção da aprendizagem dos alunos, e os ajudará a assumirem posições como cidadãos, no futuro.

Porém, nas falas das professoras pesquisadas é notável que não são omissas quanto ao preconceito mas se faz necessário ainda que se empenhem com mais profundidade no tema, pois a sala de aula é o lugar em que os alunos passam a maior parte do seu tempo, portanto, esse espaço precisa ser explorado de forma mais contundente pelas professoras, introduzindo na rotina das crianças, conteúdos relacionados aos afrodescendentes, as diferenças culturais, religiosas, físicas, sociais e de gênero, existentes nas sociedades.

Diante do colocado, é fundamental pensar a escola como disseminadora de conhecimentos que valorizem as contribuições dos diferentes povos para a sociedade brasileira, destacando a ação do negro nessa história. Ressaltando que, na maioria das vezes, não é feita abordagem em sala de aula, causando a não valorização dos negros, fazendo com que, estes se sintam inferiores e os brancos superiores.

4 CONSIDERAÇÕES

Ao fim deste trabalho, podemos perceber que a escola, por meio de seus educadores, tem uma forte contribuição na formação da identidade de seus alunos. Todavia, é notório que a escola ainda é constituída por práticas discriminatórias e preconceituosas, contribuindo, assim, para a permanência do preconceito contra o povo negro. Vale salientar, porém, que o preconceito racial ainda permeia não só o ambiente escolar, mas os demais setores da sociedade. Entretanto, é o espaço educacional o principal formador de opiniões e exerce influência primordial sobre seus alunos.

A identidade da criança é formada continuamente, ou seja, é um processo em construção, podendo ser transformada no decorrer do tempo. Com isso os professores precisam estar preparados e atentos para que através de seus ensinamentos e intervenção possam inibir os preconceitos que assolam toda a sociedade e caberá a nós professores o compromisso de tentar transforma-la, para que no futuro, as crianças venham a desfrutar de uma educação pautada em princípios iguais, e que todos possam desfrutar dos mesmos direitos, sem exceções, com brancos e negros convivendo em harmonia, banindo o preconceito, a discriminação e o racismo do meio escolar e demais setores da sociedade.

Diante disso, os educadores devem estar cientes que precisam superar e quebrar muitos tabus se desejarem trabalhar com a História da África e Afrobrasileira, o que trará muito esforço e estudos para romper o preconceito existente na sociedade, e na escola, ainda por desconhecimento.

Esperamos que o referido estudo possibilite uma outra visão sobre as diferenças étnicas e raciais que compõem o nosso país e que está presente nas escolas, desenvolvendo e possibilitando a construção de práticas pedagógicas que respeitem e valorizem as diversidades.

Talvez assim possamos desenvolver um trabalho comprometido, fazendo com que as Leis e as lutas dos negros tenham seu reconhecimento e obrigatoriedade no âmbito escolar, desconstruindo preconceitos, e respeitando as diferenças.

As professoras pesquisadas possibilitaram novos conhecimentos e aprendizagem, além dos que já sabíamos. Percebemos também, que as pesquisadas conhecem e tentam trabalhar o tema da melhor maneira possível, uma vez que a escola, na maioria das vezes, se posiciona de forma omissa e não dispõe de muitos materiais para desenvolverem um bom trabalho. Diante de seus relatos, podemos detectar que todas se preocupam em falar sobre o racismo de forma diversificada, umas com mais empenho e compromisso, outras com menos.

As respostas das professoras foram importantes para alcançarmos o objetivo desejado, com bastante significados, pois conhecemos um pouco de como é trabalhada a diversidade em sala de aula do Ensino Fundamental I e qual seus posicionamentos a respeito do tema abordado. Além disso, acreditamos ter possibilitado reflexões sobre como estão sendo ministradas suas práticas, pensamentos e atitudes a respeito do tema. Possibilitando-lhe um novo olhar sobre suas ações.

REFERENCIAS

ANTUNES, Celso. **Relações interpessoais e auto-estima: a sala de aula como um espaço do crescimento integral**, fascículo 16 / Celso Antunes Petrópolis, R.J: Vozes, 2003.

BRESIL/MEC. DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICOS-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTORIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA.. Brasília/D, Junho, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 5. ed.1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.

PERREIRA, Ricardo flanklin. **Afrodescendente: Identidade em construção**. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: pallas, 2000.

LIBANÊO, Jose Carlos. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. 5ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

MUNANGA, Kabengele. Oorganizador. **Superando o racismo na escola**. Brasília, 2005. Disponivem em <
http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf> Acesso em 08/12/2014

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2ª ed. Petrópoles- RJ. Vozes, 2008.

SOUSA, Edileuza Penha de. **A Lei nº 10.639/2003- Na escola-caminhos para os tambores de congo**. In: GOMES, A na Beatriz Sousa e CUNHA Junior, Henrique. Educação e Afrodescendência no Brasil.(organizadores). Fortaleza. Edições UFC, 2008. P.179-196.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornando-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em a cessão social**, ed. Graal, Rio de Janeiro1983.

SILVA, Maria José Lopes. **Os negros os conteúdos escolares e a diversidade cultura II. Ed.** Florianópolis, 2002, Atilende.

SANTOS, Gevanilda; SANTOS, Maria José Pereira e GALVÃO, Mariana. Direitos humanos e as relações étnicos-raciais e de gênero. In: PINI, Francisca Rodrigues de Oliveira; MORAIS, Celio Vanderlei. **Educação, participação política e direitos humanos.** São Paulo. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

Formação:

Quantos anos de atuação na área?

Quantos anos de atuação nessa escola: _____

Idade: _____ Sexo: _____

1. Possui especialização? Sim () Não ()

Em que área?

2. Tem alguma formação na área da diversidade cultural? Sim ()
Não () qual?

3. A escola que você trabalha desenvolve algum projeto referente a diversidade cultural e racial?

4. Quais os recursos a escola dispõe para trabalhar com a diversidade etnicorracial?

5. Como você trabalha a interação entre os alunos negros e não negros?

6. Como você trabalhar a diversidade étnico racial em sala de aula?

7. Você percebe alguma diferença no processo de ensino aprendizagem dos alunos negros e não negros? Justifique.

8. Como os livros didáticos reapresentam o negro na sociedade?
Qual a sua opin

9. Você conhece as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008? Qual o seu posicionamento em relação a elas?

10. Como você trabalha as situações preconceituosas que acontecem entre os alunos?

